

O “MÃO DE LUVA”

José Antônio de Ávila Sacramento

Acácio Ferreira Dias, em seu livro “Terra de Cantagalo” (editado pela Prefeitura de Cantagalo-RJ, 2 vols., 1979), registrou uma versão romântica sobre um lendário bandido, o “Mão de Luva”. Ele relatou o possível envolvimento amoroso daquele bandoleiro com a princesa Maria de Bragança; a trama passionnal, como veremos, teria algo que ver com o episódio da condenação do Tiradentes à forca, em 1792.

É sabido que as áreas proibidas de Minas Gerais, os então “Sertões de Leste”¹, até a metade do século XVII eram regiões conhecidas apenas por tropeiros e por ousados traficantes de ouro e pedras preciosas. Luiz da Cunha Menezes, então governador da província mineira, sabendo do tráfico que era realizado nessas áreas, resolveu enviar para a região um grupo comandado pelo Sargento-Mor Pedro Afonso Galvão de São Martinho. O objetivo principal dos enviados era o de prender o contrabandista “Mão de Luva” e seu bando, além de também instalar naquela região um Registro (posto de fiscalização). Daquela missão fazia parte o alferes Joaquim José da Silva Xavier (“Tiradentes”), a quem foi recomendada a missão de capturar o temível bandido.

O escritor Ferreira Dias deu asas à lenda quando relatou a trajetória do fidalgo português Manoel Henriques, o Duque de Santo Tirso, que se meteu num sério imbróglio lusitano, fato que acabou por levá-lo à masmorra, em Lisboa, e que, depois, fatalmente, o levaria ao enforcamento. No entanto, ele acabou por escapar do cadafalso graças à interferência de sua amante, a princesa Maria de Bragança.

Essa princesa era filha de Dom José I e já estava prometida em casamento ao seu tio, Pedro de Bragança; sabe-se que depois ela subiu ao trono português com o nome de Dona Maria I (apelidada de “a Louca”, mãe de D. João VI, e que morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 1816).

A princesa conseguiu livrar Manoel Henriques da forca, mas não evitou que se consumasse a ida dele para o exílio, no Brasil. Antes de ele embarcar rumo ao castigo, a princesa teria beijado-lhe a mão;

¹ Eram áreas então proibidas à ocupação, também chamadas de os “Sertões Proibidos da Mantiqueira”.

José Antônio de Ávila Sacramento
www.patriamineira.com.br

assim, como prova de eterna fidelidade, em meio a promessas amorosas, ele jurou jamais expô-la à outra mulher, usando por isso, para sempre, para esconder a mão, uma luva preta.

No Brasil, Manoel Henriques tornou-se garimpeiro. Começou a sua atividade nas cabeceiras do rio Tripuí, atravessou o Paraíba do Sul, subiu o Rio Negro até chegar ao Morro do Fundão, atual cidade fluminense de Cantagalo. Àquela época ele percebeu as facilidades para assaltar as ricas remessas de ouro e pedras preciosas que saíam das “Minas Gerais” e iniciou a sua lendária carreira criminosa.

No ano de 1786, “Mão de Luva” e o seu bando foram capturados e presos por uma milícia chefiada pelo Tiradentes; depois, o prisioneiro foi degredado para Moçambique, acabando por morrer durante a viagem. Em sua confissão, a bordo do navio, ele pediu ao padre que entregasse à Dona Maria a luva preta que até então usara; ao receber a luva e saber do trágico destino de seu amado, dizem que a princesa começou a dar os primeiros sinais de loucura...

O que este caso tem que ver com o enforcamento do Tiradentes? O que se quer fazer acreditar é que Dona Maria I, no final do processo da Conjuração Mineira, perdoou a todos inconfidentes da pena de morte, à exceção do Tiradentes, e que a atitude dela não se deu em razão de qualquer formidável atuação revolucionária do Tiradentes na Conjuração Mineira. O real motivo de ela ter decretado o enforcamento dele teria como fundamento uma sórdida vingança: foi ele quem comandou a implacável perseguição do seu amado “Mão de Luva”, terminando por prendê-lo.

Há muito tempo que lenda do “Mão de Luva” é contada e é tida como verdade, principalmente lá pelos lados da região serrana fluminense. Supunha-se que Manoel Henriques viera para o Brasil cumprir a sua pena e aqui tentar riqueza; quando a situação lhe fosse mais favorável, tentaria retornar para Portugal e lá reconstruir a vida junto da sua amada...

Essa versão romanceada foi desfeita por Sebastião Antônio Bastos de Carvalho, um sociólogo e jornalista que desconfiou das conclusões fáceis da imaginação popular e provou que tal versão não era digna de credibilidade. Segundo Carvalho, em seu livro “O Tesouro de Cantagalo”, editado em 1991, o “Mão de Luva” não mais desejava voltar a Portugal para rever Maria I. Aqui, no Brasil, ele era feliz: tinha mulher e filhos, era homem religioso, se dava bem com os índios, ensinava os jovens a rezar, acumulava fama e fortuna.

Para justificar o apelido, existe ainda uma outra versão para a luva que Manoel Henriques usava: há a possibilidade de que ele tenha adquirido hanseníase na viagem de Portugal para o Brasil; por esse motivo, a luva seria uma providência adotada apenas para esconder a deformidade trazida pela doença.

O “Mão de Luva”, apaixonado ou enfermo de uma das mãos, é considerado o primeiro povoador da região serrana do Estado do Rio de Janeiro e o fundador da cidade de Cantagalo², além de o chefe dos primeiros garimpeiros que faiscaram ouro nos rios daquela região.

Contam que ele e o seu bando, ao sentirem-se encurralados e na iminência de serem presos, enterraram uma grande quantidade de ouro nalgum lugar secreto, com a intenção de depois voltarem para recuperar o tesouro. Assim, no Município fluminense de Bom Jardim (localidade que já pertenceu a Cantagalo) há uma caverna que atualmente é conhecida como “Gruta do Mão de Luva” e que instiga a cobiças. Para completar, há ainda relatos de que numa localidade denominada Pedra Riscada, distrito de Nova Friburgo, já teriam até sido encontrados alguns tesouros escondidos pelo “Mão de Luva”³!

Mas afinal, para que é que serve uma lenda? A palavra provém do baixo latim (legenda)⁴ e significa “o que deve ser lido”. O Dicionário Houaiss explica que lenda é uma “narrativa de caráter maravilhoso em que um fato histórico se amplifica e transforma sob o efeito da evocação poética ou da imaginação popular”; é uma narrativa que alguém contou para uma pessoa, que por sua vez passou para outra, até chegar aos nossos ouvidos, num misto de faz-de-conta e de muitas imprecisões (lembrem-se de que “quem conta um conto aumenta um ponto”!).

Antigamente as pessoas conservavam as suas lembranças na base da tradição oral; se a memória falhava, usava-se a livre imaginação para suprir aquela falha. Então, cercando-se de cuidados para não cair nas armadilhas que as lendas nos suscitam, caberá sempre ao historiador buscar a verdade, tentando desvendar os fatos reais e a

² Uma possível origem para o topônimo Cantagalo se prende ao fato de que o Tiradentes, quando da expedição de Pedro Afonso Galvão de São Martinho, estando a procurar “Mão de Luva”, teria sido levado ao seu esconderijo por acaso, ao ouvir o denunciador canto de um galo.

³ O caso rendeu até a gravação de um filme: trata-se de “O Mão de Luva”, dirigido por Silvio Coutinho, em 2001, com 72 minutos de duração.

⁴ Ao Latim clássico, também chamado de “Latim literário”, seguiu uma outra etapa chamada de “Baixo Latim” e o seu posterior declínio como língua imperial. É a língua latina que se falava após a queda do Império Romano

separá-los daqueles que, como estes, se apresentam com ares de ficção e distantes da realidade.

Observem que esta abordagem da saga do “Mão de Luva” serve como pretexto para que este articulista demonstre até onde avançou, avança e ainda avançará o mito Tiradentes; o Alferes, como quer a lenda, fora enforcado por força da sórdida vingança de uma mulher magoada pelo fato de ter sido impedida de consumir uma paixão.

A todo o momento, como observamos, torna-se necessário desmitificar a figura cristianizada e positivista do Tiradentes, recuperando o revolucionário, libertário e humano Joaquim José da Silva Xavier, de quem infelizmente ainda sabemos muito pouco ou quase nada⁵.

Assim, ao terminar esta crônica, desvencilho-me do mito e presto uma homenagem ao Patrono Cívico desta Nação e de todas as Polícias Militares do Brasil, registrando a passagem dos 219 anos da sua cruel execução⁶, acontecida no Rio de Janeiro aos 21 de abril de 1792⁷.

⁵ Uma aura mítica sempre perseguiu a figura do Tiradentes e os republicanos positivistas que no final século XIX o alçaram à posição de Patrono Cívico da Nação. A Thais Nívia de Lima e Fonseca, da Universidade Federal de Minas Gerais, “impressiona a cristianização do Tiradentes como homem solitário, sofrido e solidário, que teve como principal meta na vida a conquista da liberdade”. Para ela, nas biografias do Tiradentes, “o uso das referências cristãs, tanto nas idéias quanto na linguagem é clara. Considerando as analogias, já conhecidas, entre o drama de Tiradentes e de Jesus, não poderia faltar, num texto dessa natureza, a referência ao traidor, o Judas da Inconfidência, responsável, em última análise, pela derrota do movimento e pela condenação do herói-mártir”. (In: *A Inconfidência Mineira e Tiradentes vistos pela Imprensa: a vitalização dos mitos, 1930-1960*).

⁶ Esta crônica foi escrita em meados do mês de abril de 2011. Foi publicada originalmente no Jornal de Minas (São João del-Rei - MG, ano XI, ed. nº 152 - 15 a 21 de abril de 2011, p.2), periódico editado por Neudon Bosco Barbosa.

⁷ “Na manhã de sábado, 21 de abril, Tiradentes foi levado em procissão pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, num grandioso espetáculo, para deixar gravada na memória da colônia, uma inegável demonstração de força da Coroa portuguesa. O cortejo macabro desfilou, entre a cadeia pública e o largo da Lampadosa, onde fora armado um elevadíssimo patíbulo de 24 degraus, com a cavalaria e suas fanfarras à frente, os cavaleiros em fardamentos de gala, os cavalos com fitas coloridas, seguidos por toda a tropa local e várias irmandades do clero, devidamente paramentadas, badalando sinos e rezando salmos. A leitura da sentença se estendeu por um longo tempo, e, após discursos de aclamação à rainha, Tiradentes foi executado na forca descomunal. Com seu próprio sangue lavrou-se a certidão de que estava cumprida a sentença”. (Fonte: <http://www.brasilazul.com.br/sentenca-e-execucao-de-tiradentes.asp>)